

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
JEAN-MARIE STRAUB – NUNCA RECONCILIADO  
3 de Janeiro de 2023

## LA FRANCE CONTRE LES ROBOTS / 2020

*um filme de Jean-Marie Straub*

**Realização:** Jean-Marie Straub / **Argumento:** Jean-Marie Straub, a partir do texto de Georges Bernanos, “La France Contre les Robots” / **Imagem:** Renato Berta, Patrick Tresch / **Som:** Dimitri Haulet, Renaud Musy / **Montagem:** Christophe Clavert / **Com:** Christophe Clavert.

**Produção:** Belva Film (Suíça) / **Produtora:** Barbara Ulrich / **Cópia:** em ficheiro, cor, falada em francês, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 10 minutos / **Primeira apresentação pública:** 15 de Agosto de 2020, Festival de Locarno / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

---

**La France Contre les Robots** é apresentado com **Nicht Versöhnt** (“folha” distribuída em separado).

---

*“A palavra Revolução não é, para nós franceses, um termo vago. Sabemos que a Revolução é uma ruptura, a Revolução é um Absoluto. Não há revolução moderada, não há Revolução dirigida, como dizemos economia dirigida. Esta que anunciamos, far-se-á contra o sistema actual inteiro, ou não se fará.”*

Na origem de **La France contre les robots**, o último filme realizado por Jean-Marie Straub, está um texto de Georges Bernanos (1888-1948), escrito em 1945, mas só editado postumamente. Trata-se de um ensaio que se insere no contexto de uma violenta crítica à sociedade industrial e à tecnologia, que Bernanos desenvolvia no final da Segunda Guerra Mundial, numa altura em que regressava a França após o seu forçado exílio brasileiro, condenando e prevendo o modo como a mecanização condicionava a liberdade dos homens. Jean-Marie Straub escolheu um excerto do primeiro capítulo deste revolucionário ensaio, que actualizou. E enfatizamos a palavra “actualização”, pois como é regra no cinema de Straub (e também o era no de Straub-Huillet), não se trata de uma “adaptação” no sentido corrente do termo, mas da “actualização” de um texto no momento da sua transposição para o presente, com a habitual liberdade e rigor que caracteriza todo o trabalho do cineasta em torno dos textos literários pré-existentes. Straub regressava em 2020 a Bernanos depois da experiência de **Dialogue d’ombres** (2013), filme que partia de um outro texto do autor datado de 1928, e de um projecto antigo pensado em conjunto com Danièle Huillet, mas só filmado muitos anos depois.

Com **La France contre les robots** Straub encerra assim definitivamente o último capítulo de uma obra singularíssima e única na história do cinema, realizada na sua maior parte com a sua

companheira Danièle Huillet (1936-2006), que com ele co-assinou logo **Nicht Versöhnt Oder Es Hilft Nur Gewalt Wo Gewalt Herrscht**, o primeiro filme de uma sessão que adquire um carácter circular. Datado de 1965, “**Não reconciliados ou só a violência ajuda onde a violência reina**” partia de um texto de Henrich Böll, também ele com fortes ressonâncias históricas, e olhava para o passado da Alemanha como forma para entender o tempo presente.

Na sua simplicidade, **La France contre les robots** revela toda a radicalidade de um modo de fazer cinema, que ao longo dos anos recusou quaisquer concessões, conduzindo-nos à raiz do próprio cinema. Com cerca de dez minutos, o filme é constituído por dois planos (ou são dois filmes, visto que se apresentam dois genéricos) realizados com a câmara à mão e que retratam um homem que caminha de costas voltadas para a câmara ao longo da margem do lago Léman, na zona de Rolle. Esse homem é Christophe Clavert, que há alguns anos trabalha com Straub, sendo por exemplo responsável pela imagem de vários dos seus filmes. Clavert é seguido de perto pela câmara, primeiro em silêncio e depois enquanto recita duas vezes o mesmo texto de Bernanos, para no final se deter. Em fundo destaca-se a vida e os sons do lago, a água, o chilrear dos pássaros, um cisne que nada, os sons de Clavert a andar. São dois blocos, duas “takes” de um mesmo (e sempre outro) plano, que, mostrados um após o outro, enfatizam as mudanças de luz ao longo do tempo que passou entre o momento da filmagem de cada um deles (um registado entre o dia e a noite e outro em pleno dia), mas também as diferenças no mundo natural e no modo como Clavert caminha e diz tal texto duas vezes. A palavra e o grão da voz são assim duas das figuras fundamentais de um filme que inscreve o seu texto de base na paisagem filmada, conquistando o conjunto fortes ressonâncias que ultrapassam o valor das suas partes. Efeito aqui conseguido pela justaposição a priori destes dois planos e que noutros filmes anteriores como **Corneille-Brecht** (2009) podia ser obtido através da visão sucessiva de várias versões de um mesmo filme que usavam diferentes “takes”.

Neste pequeno filme Straub dá mais uma vez a ver e a ouvir algo raro no cinema, produzindo um objecto profundamente materialista, assente na matéria que lhe pré-existe, seja ela o texto de Bernanos, a luz, a voz de Clavert, os sons profundamente ancorados nos corpos e nos espaços onde são registados, atestando-se a importância do som síncrono em toda a constelação cinematográfica Straub-Huillet. E mais uma vez aqui, a insistência na repetição, permite-nos mergulhar duas vezes no mesmo texto e encontrar uma mais justa posição face às coisas e ao mundo que nos rodeia. Dedicado a Jean-Luc Godard, que antes de Straub fez também de Rolle e das margens do Lago Léman a sua última casa, a amizade e a aproximação física destas figuras maiores do cinema apenas acentua a orfandade a que ficamos hoje votados. Inspirados por Straub (mas também por Godard, cuja homenagem começa amanhã na Cinemateca) resta-nos procurar encontrar outros núcleos de resistência, partilhando algum do optimismo de Bernanos na possibilidade de uma “Revolução contra a ordem estabelecida”, como aliás acontecia em filmes anteriores de Straub como **Kommunisten** (2014), que retomava **Schwarze Sünde** (1990) e a sua crença de que uma outra vida é possível. E com ela a possibilidade de um outro cinema. É nesse sentido que podemos dizer que **La France contre les robots** prolonga a resistência sempre presente na obra profundamente política dos Straub. “Um mundo ganho para a técnica está perdido para a Liberdade”.

Joana Ascensão